Ano 32.º — Sábado, 25 de Fevereiro de 1939 — N.º 1566

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Minerva Central
Rua Tenente Rezende, 12-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigi la ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Na passagem de mais um ano

A vida de "O Democrata,, no espaço de tempo já decorrido—da monarquia, que combateu, à Rèpública, que tem defendido com desinterêsse, sem olhar a conveniências e procurando sempre prestigia-la

O Democrata faz hoje anos. Mas não os festeja; regosija-se, apenas, com vêr passar sôbre a sua existência, por vezes atribulada, mais 365 dias!

Como o tempo corre!

Nasceu o *Democrata* para a propaganda republicana e na época em que mais acêsa e agtada andava a política nacional.

Cincoenta mil reis sairam do bolso de dez correligionários para as primeiras despesas.

Da sua direcção, porém, só tomámos conta ao cabo de seis mezes a instâncias de Bernardo Torres, que, vendo o jornal a afundar-se, a isso nos obrigou—sem condições.

Pesada tarefa tomámos sôbre os ombros. Mas a morte do *Democrata*, aos seis meses, constituia uma autentica vergonha, que era preciso evitar. Para aqui viemos, pois, começando o jornal, desde logo, a tornar-se mais procurado, mais lido, numa palavra—a interessar mais.

A secção *Coisas & tal* adquiría proselitos. Os nossos adversários, sentindo os efeitos do combate, denunciaram-se porque não tardou a requererem, no tribunal, a primeira querela contra nós. Foi a 13 de Fevereiro de 1909, tendo o seu retumbante epílogo em 23 de Abril do mesmo ano—dia dum grande terramoto.

Nesta altura, seis dos dez sócios da empreza que haviam entrado com os cinco mil reis da ordem, desligaram-se dela—apavorados!

Mas o jornal continuou a sair e a dar que falar e que entender..

A 30 de Outubro, tambem de 1909, um artigo intitulado—*Para traz, bandido!*—alcançou sucesso em todo o país.

Para atender os pedidos chegados pelo correio e pelo telégrafo á Redacção, fizeram-se, durante uma semana, nada menos de quatro edições num total de 12.000 exemplares! E as tiragens continuaram aumentadas, tendo o referido artigo sido transcrito par mais de trinta colegas—um *record* jornalistico—que aplaudiram o desassombro da nossa atitude. Modificou, então, o *Democrata* o seu formato, para maior, a partir de 18 de Março de 1910, nunca mais o alterando, a não ser por ocasião da grande guerra, devido à falta de papel.

Depois proclamou-se a República. E porque, de entrada e por uma questão de moralidade, o *Democrata* se opuzesse à nomeação de certo individuo filiado no partido republicano para comissario de polícia de Aveiro, uma cêna de pugilato tem origem logo no dia 23 de Outubro de 1910, seguindo-se, por identicos motivos, outras em 9 de Dezembro do referido ano, 26 de Maio de 1911, 5 de Abril de 1913 com repetição passadas algumas horas, 23 de Julho, 2 e 3 de Agosto e 3 de Novembro do mesmo ano, 27 de Maio e 27 de Agosto de 1914, 14 de Maio de 1917, 30 de Junho de 1923 e 5 de Março de 1926, isto àlém de dois assaltos noturnos, um dos quais a tiro, na Costa do Valado, em 8 de Agosto de 1925 e 11 de Fevereiro de 1926, com danificação da casa que lá habitamos, de que resultou ficarem partidos todos os vidros.

Mas não é tudo, como se vai vêr.

Uns *adesivos* do partido Democratico, que não levavam a bem que o *Democrata* se ocupasse dos actos escandalosos por êles praticados, irradiaram-nos do Centro cuja fundação auxiliámos e publicaram jornais, todos, é claro, de vida efémera.

E vieram novas querelas com o propósito de, por essa fórma, nos aniquilarem.

Eis as datas dos julgamentos:

22 de Fevereiro de 1913;

20, 21 e 22 de Maio do mesmo ano:

26 de Abril de 1916;

20 de Junho de 1923;

26 de Fevereiro de 1932 cinco querelas, cujo julgamento só terminou em 30 de Maio de 1934 depois de 27 audiencias);

26 de Maio de 1934;

25 de Julho de 1935.

Mas se fosse só isto...

E a suspensão do jornal por ordem da autoridade superior do distrito em Dezembro de 1927?

E a apreensão do n.º 1.046, pela polícia, em 13 de Outubro de 1928?

E a *boycotage*, tambem contra êle estabelecida pelo ex-presidente da Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro?

O ano passado, por esta data, estavamos nós cumprindo dois meses de prisão na cadeia de Vagos e de lá escrevemos:

Nem por se encontrar numa situação de clausura forçada que lhe provéio da mais vergonhosa das deslealdades, *O Democrata* deixa de mostrar o seu desvanecimento por ter vencido todos os obstáculos encontrados no caminho durante os trinta anos já decorridos e confessa a sua inquebrantilidade de ânimo sem temor nem receios de prosseguir. E porque os há de ter se a rectidão da sua conduta, a nobreza dos seus processos jornalísticos e a sinceridade com que serve a política nacional e os interêsses regionais são os principais sustentáculos da sua existência?

O Democrata nasceu para a Rèpública. Fêz a propaganda dêsse regimen, combateu rijamente os adversários e as imoralidades da monarquia, e em 5 de Outubro de 1910, vendo raiar a nova aurora que iluminou Portugal de lés a lés, envolvendo-o num élo de esperança, saüdou-a. Mas logo a seguir traçou aquela directriz que julgava fôsse também a bússola dos novos dirigentes. Puro engano! Durante quinze anos a Rèpública não foi mais do que a continuação do regimen deposto, com a agravante de se haverem complicado os serviços administrativos. Pelos ministérios passavam autênticas nulidades e de espaço a espaço, com pequenos intervalos, rebentavam greves, desordens, revoluções que traziam o país em constante sobressalto, àlém de o colocar às portas da bancarrôta. E então o *Democrata*, fiel ao seu programa, combateu também tudo isso, insurgiu-se contra os responsáveis, bateu-se pela moralidade governativa, apelou para o Exército, como único recurso para pôr côbro à *dègringolade* política, e, por fim, gritou às armas. É que o *Democrata* nunca se esqueceu de colocar ao lado da Rèpública os princípios que lhe servem de base, que a guiaram e com os quais se introduziu no espírito da nação. Custou-lhe essa atitude alguns sacrifícios? Não importa. Damo-nos por compensados, olhando em volta e vendo a obra que se tem realizado desde o 28 de Maio de 1926 a esta parte. Isenta de defeitos? Indubitàvelmente não. Contudo só os cegos de entendimento, os pervertidos, os facciosos, os eternos insatisfeitos, os que ficaram de ferida aberta por terem sido escorraçados das cadeiras do Poder, os indesejáveis, os vendilhões do Templo, lhe podem negar grandeza.

. . . .

Consultando a nossa consciência não temos que nos arrepender da orientação seguida com o único fim—e apontem-nos outro, se são capazes—de prestigiar a Rèpública, impondo-a como regimen de moralidade, consagrando-a como o regimen capaz de levantar o velho Portugal e erguê-lo às culminâncias do passado.

Sômos assim. Não andamos ao sabor de conveniências; não fazemos jus a benesses nem a honrarias; não desejamos, mesmo, saír da obscuridade. Por isso repetimos, para terminar:

—Em frente!

Hoje, como ontem, o nosso propósito é o mesmo—de completa intransigência contra tudo que não obedecer às normas de sã moral pelas quais se devem guiar os regimens que pretendem e têm necessidade de se imporem ao respeito e consideração dos povos.

Nesta hora serêna, de acalmia política, com a Rèpública consolidada, o *Democrata* lembra, ainda, que em 1913 escreveu isto:

«Como o velho soldado que, batendo com o seu bordão no túmulo de Afonso de Albuquerque, na sublime ilusão de uma possível realidade, exclamou — *Levanta-te, capitão, que a Índia perde-se!* — horas antes do tercei o aniversário da implantação da República em Portugal, nós também bradamos aos que a vaidade, a ambição e a cegueira alucina e arrasta — **lembrai-vos da Pátria, colocando-a acima de tôdas as vossas paixões!**»

Quer dizer: a posição em que nos encontramos ao iniciar o 32.º ano é a conseqüência lógica dos erros que de longe vínhamos combatendo sem tréguas e portanto aquilo a que mais ou menos aspirávamos para que a Rèpública não caísse vilipendiada.

Esse o nosso orgulho.

Essa a nossa satisfação ao enfrentarmos, resolutos, o dia de àmanhã com tôda a altivez e desprêso por quantos supunham aniquilar-nos com as suas baixesas de inferior quilate, orgulho e satisfação que se torna maior ainda se dissermos que de tudo quanto desejávamos vêr por terra já nada resta a não ser a carcassa dum poltrão à espera que o tempo lhe abra a porta do Panteon... das coisas inúteis.

BERNARDO TORRES
(Falecido)

MANES NOGUEIRA

MANUEL LOPES DA SILVA GUIMARÃES

ALFREDO DE LIMA E CASTRO
(Falecido)

Os quatro fundadores de «O Democrata» que não desertaram após as primeiras perseguições dos adversários

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

AFIRMAÇÕES

O DEMOCRATA alvo das manifestações do povo aveirense de quem recebe uma mensagem

A mais eloquente resposta ao facciosismo, á perversão e à maldade

A eterna... verdade

Politica de Aveiro

MOÇÃO

IMPRENSA

DESAFRONTA

Uma imponentíssima manifestação ao DEMOCRATA

O nosso director vivamente aclamado na sua casa da Rua Miguel Bombarda onde lhe é entregue uma mensagem

MENSAGEM

Fac-simile do n.º 274 onde se fazem vigorosas afirmações de intransigencia contra as imoralidades dos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos...*

Dr. António Rodrigues Cosme e José António de Carvalho

—o—

A êstes dois assinantes de *O Democrata* prestamos, no dia de hoje, a nossa homenagem, lamentando, porém, não termos conseguido os seus retratos para figurarem na nossa galeria de honra. E' que os srs. dr. António Rodrigues Cosme e José António de Carvalho são os dois assinantes mais velhos, em idade, do nosso jornal. O primeiro, natural de Paredes do Bairro, freguesia de S. Lourenço, concelho de Anadia, tem 81 anos; e o segundo, natural de Esgueira, concelho de Aveiro, mas residente em Eixo, tem 95.

O sr. dr. António Rodrigues Cosme, advogado e notário, gosa de grande prestígio. Foi presidente da Câmara do seu concelho e noutros cargos que tem desempenhado vincou sempre a sua personalidade como homem de íntegro carácter.

O sr. José António de Carvalho, embora de condição modesta, pois não passou de mestre de obras, não lhe fica atrás nas qualidades que também possue. Gosam ainda, ambos, duma lucidez de espírito pouco vulgar, percorrem, a pé, distâncias regulares e politicamente acham-se integrados na actual situação por terem abraçado, com entusiasmo, o movimento de 28 de Maio.

Do sr. dr. António Rodrigues Cosme devemos dizer ainda que é assinante do *Democrata* quási desde a fundação, pelo que conhece todos os pormenores da nossa vida, as vissitudes por que temos passado. E porque, quer a um, quer a outro, não falta a consideração de tôda a gente, pedimos licença para nos incluirmos no número de quantos os estimam e fazem votos pelo prolongamento de tão preciosas existências.

«O Democrata» conta no número dos seus assinantes **tudo quanto há em Aveiro de mais preponderante, e de mais influência. Quer dizer: a cidade inteira.**

(Duma acta da Comissão Executiva da Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro).

«O Democrata» conta no número dos seus assinantes de Aveiro 20 doutores (hoje mais) e além desses, muitos negociantes, industriais, professores, oficiais do exército, empregados públicos, operários—**a cidade em peso.**

(Duma acta da Comissão Executiva da Junta Autonoma da Ria e Barra de Aveiro).

Uma grande obra social

No fundo das convulções políticas que agitaram a Nação Portuguesa no primeiro quartel dêste século, que deram a proclamação da Rè ública e depois desta uma sucessão de actos violentos que derrubavam uns governos para entronisar outros, está a miséria do povo e, digâmos mesmo, a injustiça de que êste era vítima pela indiferença ou impotência dos poderes do Estado.

Sem dúvida, as propagandas ideológicas, quer a republicana, de procedência nacional, quer a socialista, sindicalista ou comunista, de influência estrangeira, essas propagandas desempenharam um papel activo, que não pode ser negado, na indisciplina do povo português. É, porém, evidente que essas propagandas caíram em terreno propício para a sua germinação.

Os republicanos prometeram fazer justiça às classes humildes e é de crêr que fôssem sinceros; mas a verdade é que não tinham nenhum plano prático para tornar essas promessas efectivas. Contentaram-se com concessões políticas, com a Guerra ao padre, com a humilhação do proprietário, etc. De resto, não levou muito tempo que a luta dos partidos políticos pelo predomínio do Poder acarretasse o abandono dos mais sagrados interêsses colectivos e estabelecesse em cima a desordem moral e financeira, tudo factores impeditivos de reformas profundas na administração pública e no progresso social.

O balanço da gerência da Rèpública democrática não dá quanto à satisfação de justiça às classes humildes uma realização de vulto—nem casas económicas, nem instituições de previdência, nem elevação das condições gerais de vida.

E, todavia, os quinze anos de gerência democrática representam tempo mais do que suficiente para nos darem uma amostra dum plano de realizações sociais se êsse plano houvesse sido concebido e praticado ainda que ponderadamente.

A reforma administrativa do Estado Novo começa em 1928, quando Salazar assume a gerência da pasta das Finanças. Mas as reformas políticas e sociais são mais recentes, datam, apenas, de há seis anos, isto é, desde que Salazar ascendeu à Presidência do Conselho.

Seis anos, apenas! Neste curto período de tempo erguemos de um a outro extremo do País nada menos de vinte bairros de casas económicas—em Lisboa, no Porto, em Portimão, em Vila Viçosa, e outras mais já concluídas ou quási.

E' consolador visitar êsses bairros, onde a vida de centenas de creaturas se ostenta alegre e feliz. Aquilo não é promessa: é realidade palpável e indiscutível. Essas casas, que são já alguns milhares, pertencerão, de direito e de facto, aos seus locatários. As rendas são de preço inferior aos das outras casas particulares e ao cabo de vinte anos o locatário nada deve ao Estado.

Outra realização interessante é a construção de casas ligeiras que a Câmara Municipal de Lisboa está efectivando e que se destina a abrigar as famílias que habitam nos *bairros de lata*.

E não ficam por aqui os esforços do Estado Novo para melhorar a situação das classes humildes. Actualmente vigoram mais de 40 contractos de trabalho, que garantem pelas Caixas de Previdencia o socorro aos trabalhadores na doença, na invalidez e no desemprêgo. E há tôda uma série de outras instituições apropriadas—a *Defesa da Familia*, a *Obra das Mãis pela Educação Nacional*, a *Campanha de Auxilio aos Pobres no Inverno* e a *Federação Nacional para a Alegria no Trabalho*, que cooperam nesta obra de bem fazer. Podíamos ainda citar o desenvolvimento que se tem dado aos serviços de assistência aos tuberculosos, aos cancerosos, etc.

Isto é o trabalho de seis anos!

Que transformação profunda não oferecerá o nosso País dentro de 15 ou 20 anos se êste esfôrço não afrouxar!

J. N.

Efemérides

25 de Fevereiro

1848—O govêrno provisório, por instigações de Raspail, proclama a Rèpública em França, assassinada pelo seu presidente, Luis Napoleão.

1860—E' abulida inteiramente a escravidão em território português, ficando todos os escravos dessa data a servir os seus patrões até 29 de Abril de 1878.

Calendários

Também a Companhia Industrial de Portugual e Colónias, cuja gerência se acha confiada, em Aveiro, ao nosso amigo Alberto Carvalho, nos brindou com dois vistosos calendários de rèclamo aos seus produtos, que agradecemos, como nos cumpre.

Economias...

=x=

Um comerciante desta cidade consultou o *padre veneno* sobre o imposto camarário da tabuleta que tem no seu estabelecimento, visto não o considerar justo dada a posição em que a colocou.

E' interessante. E ao mesmo tempo sintomático.

O referido imposto custa, anualmente, 24$80. O estabelecimento é dos mais bem situados e dos que merecia uma tabuleta à altura e não o pinderico escrito que se vê à entrada da porta. Pois o comerciante acha muito uma despêsa diaria que está longe de chegar a 10 centavos e vem, ainda por cima, para publico, revelar a sua miséria, o seu egoismo!

De que força!

Há despesas a que o comercio se não devia furtar e esta julgamos ser das primeiras. A tabuleta é necessária, é mesmo imprescindivel nos estabelecimentos. Só os retrogrados, os espíritos tacanhos, broncos, o não consideram assim. Que tristeza!

O que havia de dizer o *padre veneno* quando recebeu a carta, êle que anda a prégar ao comercio e ás industrias que o anuncio e os reclamos lhes são da maxima utilidade!

Mas o pior não é isso ainda: o pior é o homem de Aveiro andar envolvido nestas edificantes manifestações de... retrocesso, que não nos honram nada.

Sempre há cada um!

CARTA DE LISBOA

22 de Fevereiro de 1939

Presidente da Rèpública

A maneira como todo o país patenteou a sua admiração à figura veneranda do sr. General Carmona, a propósito da passagem do 4.º aniversário da sua reeleição para a suprêma magistratura da Nação, é bem a prova provada do muito aprêço, da muita consideração que Portugal inteiro tributa ao homem que tem sabido, encarnando as lídimas virtudes da Grei, ser o Chefe querido e respeitado de todos os portugueses.

De tôda a parte do país, desde o norte aos confins do Algarve, chegaram felicitações ao sr. General Carmona, felicitações que eram expressões de agradecimento a quem tem sido, em tôdas as emergências, o primeiro no serviço da Pátria, o primeiro nos sacrifícios que, por vezes, impõe êsse serviço.

Percebe-se, pois, que todo o país, sem distinção de classes, tenha tributado as mais sinceras homenagens ao sr. Presidente da Rèpública a propósito da passagem do 4.º aniversário da sua reeleição.

Significativas deferências

As deferências dispensadas ao sr. Cardial Cerejeira durante a sua viagem para Roma, se foram um preito merecido às nobres virtudes do venerando Prelado, foram-no tambem, de certo modo, para a Pátria que se honra de contar o eminente purpurado entre os seus mais ilustres filhos.

Juntamente com os vivas a Sua Eminência, foram, muitos, os vivas e as saüdações dirigidas a Portugal que tem, de facto, no sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira o seu mais perfeito representante no conclave donde há-de saír o novo Sumo Pontífice.

Expressivas declarações

Na inauguração dos trabalhos da Exposição do Mundo Português, o sr. ministro das Obras Públicas, usando da palavra, declarou, terminantemente:

«Para honra de Salazar, para honra de todos os portugueses, há de fazer-se o que Salazar anunciou, trabalhando-se com fé e vontade para triunfar das dificuldades que se nos apresentam.»

Se conjugarmos estas expressivas afirmações com o facto de estarem em curso e em ritmo acelerado as obras do Castelo de S. Jorge e de todos os castelos do país que careciam reparações, as da auto-estrada, as do desimpedimento da Tôrre de Belém, as do Estádio Novo, as do Aéro-Porto e já agora as da Exposição do Mundo Português, teremos que podemos ficar, de facto, seguros e certos de que em 1940, o ano único das comemorações, estará feito tudo quanto Salazar prometeu.

De resto Salazar prometeu o e êle nunca faltou à mais pequena promessa. Seria caso inédito se tal agora acontecesse.

Mas não acontece, por mais que o quizessem certos derrotistas nossos conhecidos.

Melhoramentos

O Govêrno destinou a verba de 14.000 contos para várias obras eléctricas e de hidráulica, a realizar em 1939.

Poucas serão as terras não beneficiadas com a verba agora consignada pelo Govêrno a estas obras.

Por todo o país se efectuarão melhoramentos que desde há muito vinham sendo reclamados, mas só agora vão ser levados à prática graças à política de fomento do Estado Novo, graças à era de renovação que Portugal atravessa.

É assim, realizando obras de grande utilidade que os sistemas políticos se impõem e os govêrnos fazem jus à admiração geral.

E é por assim ser que o Estado Novo é, de norte a sul do país, um regime querido e estimado pelo povo.

Novo liceu

O sr. ministro da Educação Nacional resolveu construir em Belém um novo edifício destinado a substituír o liceu de D. João de Castro.

De facto, a construção dum liceu que sirva a grande população de Belém, Algés, Dafundo até mesmo à Junqueira, era uma necessidade que de há muito se vinha impondo visto que o de D. João de Castro já estava longe de poder cumprir cabalmente a sua missão.

Lançando mãos a tão importante como benemérita obra, o sr. dr. Carneiro Pacheco acrescenta à sua notável passagem pelo ministério, um serviço da maior valia.

GIL DO SUL

O "Cabo Salomé,,

=o=

Morreu em Lisboa, a semana passada, um obscuro militar de nome Alfredo Manuel Salomé, mas que na história do movimento republicano de 31 de Janeiro de 1891 é conhecido por o *cabo Salomé* em virtude da sua acção nessa jornada patriótica de que foi propagandista consciencioso e combatente destemido.

O *cabo Salomé*, preso após o malogro da revolta e julgado nos Conselhos de Guerra de Leixões, esteve, também, deportado, sofreu, com resignação, tôdas as penalidades e se chegou aos 79 anos é porque teve a família a ampará-lo carinhosamente visto os republicanos do 5 de Outubro não o terem descortinado no meio da sua humildade.

O corpo do velho revolucionário veio para o Porto onde agora repousa junto dos companheiros a quem, no cemitério, foi erguido um monumento.

Curvamo-nos perante êle.

Manifestação a Salazar

—o—

Os sindicatos de todo o paiz projectam para segunda-feira uma apoteotica homenagem ao chefe do Governo, indo, em cortejo, agradecer-lhe a obra importantissima já realisada sob a formula corporativista.

Haverá comboios especiais a preços reduzidos para Lisboa.

Léon Blum, profeta

=o=

O sr. Léon Blum que, como é sabido, predisse que Hitler nunca tomaria conta do poder, que os italianos seriam derrotados na Etiópia, que Negrin venceria Franco, etc, etc, continua tão "clarividente" como outrora... A propósito da noticia segundo a qual o presidente Roosevelt teria declarado que a fronteira dos Estados Unidos estava na França, o sr. Blum escreve no seu *Populaire*:

«Nenhum desmentido veio de Washington e, neste momento, pode-se ter quasi a certeza de que não virá».

Três horas depois o sr. Roosevelt desmentia completamente a notícia.

Já é azar!

Café Aveiro

=:=

Por iniciativa dos srs. Américo Pires e Manuel Duarte abriu, no sábado, em Viana do Castelo, como noticiámos, um novo estabelecimento que se denomina *Café Aveiro*.

A' inauguração assistiram as autoridades civis e militares, os representantes da imprensa local e diária, tendo o sr. tenente Ornelas Monteiro, depois de felicitar os empresários, exaltado a ideia que presidiu ao baptismo do Café, qual seja a de perpetuar a amisade sincéra e indestrutível existente, há muito, entre as duas cidades—Viana e Aveiro, o que foi corroborado pelo sr. Manuel Duarte quando, ao agradecer as felicitações da assistência, disse ter sido, com efeito, seu desejo e do seu sócio prestarem homenagem a uma cidade que vive no coração de todos os vianenses.

E'-nos sumamente grato esta prova de deferencia para com a nossa terra e por isso dirigimos um telegrama aos seus proprietários no qual lhes manifestávamos tambem o desejo das maiores prosperidades pela forma que se iniciaram e tanto cativa os aveirenses.

O *Café Aveiro* fica situado na Avenida dos Combatentes e as instalações que possue, dirigidas por um artista de fino gosto, o sr. Francisco Passos, correspondem inteiramente ao fim em vista—demonstrar, sem espírito mercantil, a simpatia que tanto aproximou os dois povos a seguir à primeira visita.

Ambicionamos, portanto, aos srs. Pires & Duarte as devidas compensações por a isso terem direito.

Necrologia

Ilda Marques Mendes

Nova, muito nova, pois contava, apenas, 18 anos, exalou, segunda-feira, o último suspiro a menina Ilda Marques Mendes, que há meses havia adoecido com certa gravidade, procurando, então, outros ares e outros recursos da ciência para o seu mal.

Tudo debalde, pois a doença tomou um incremento tal que as fugidias esperanças que a princípio houve de a arrancar à morte, fôram-se desvanecendo até que, não podendo resistir mais a tanto sofrimento, cerrou os olhos para o mundo e partiu...

ILDA MARQUES MENDES

A notícia da sua morte, a-pesar-de esperada a cada momento, nos últimos dias, consternou quantos conheciam e apreciavam as qualidades da esbelta rapariga, que ali, no *Jardim das Modas*, trabalhava ao lado de seu irmão Carlos, proprietário daquele estabelecimento da Costeira.

Tendo falecido em Coimbra, o seu cadáver veio para esta cidade onde, na igreja do Carmo, fôram resados, quarta-feira de manhã, responsos fúnebres, saindo, de tarde, o entêrro para o cemitério central e encorporando-se nêle numerosas pessoas que não escondiam a sua mágua diante da crueldade do Destino E' que não há nenhum coração, por mais duro que seja, que resista, sem um estremecimento, à partida para o Além de um ente que tinha direito a viver e que na quadra mais formosa da existência desce às profundezas do túmulo.

E triste coincidência: foi também numa quarta-feira de Cinzas que, há uns quatro anos, sua irmã Aurora foi, igualmente, a enterrar, depois de ter sofrido imenso!

O funebre cortejo, como famos a descrever, saíu da igreja do Carmo pelas 13,30 horas, descendo pelas ruas do Gravito, Beato de Moura, Viana do Castelo, Largo Luiz Cipriano e Corredoura, sendo o cadáver conduzido no auto da Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes, que também se fêz representar, bem como outras agremiações. Sôbre a urna, de cuja chave era portador o sr. Álvaro Morais, da firma *Belo & Morais*, foram depostos muitos ramos de flores, alguns com dedicatórias.

A tôda a família enlutada, nomeadamente ao irmão Carlos Mendes, comerciante local, e cunhado, Antero Alves da Cunha, 1.º sargento de Infantaria, que de Lisboa aqui veio, apresentamos sentidas condolências.

Na próxima segunda-feira será rezada, pelas 8 horas, na igreja de S. Gonçalo, uma missa sufragando a alma da extinta.

* * *

Em casa de seu cunhado Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de Cavalaria 8, finou-se ante-ontem com 74 anos, a professora sr.ª D. Albertina Rezende, que há muito se achava doente.

Era irmã da sr.ª D. Ester de Rezende Godinho, também professora, e do sr. João Luiz de Rezende Júnior, sub-chefe da P. S. P. e cunhada do sr. António Andrade, comerciante local.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, D. Maria Luiza de Carvalho Márques, de 80 anos e Maria Ernestina Peixinho, de 60, irmã do sr. João Simões Peixinho, e em *S. Bernardo*, Maria Rodrigues Vieira, mãi do sr. João Quintas Delgado, activo negociante ali estabelecido, a quem acompanhamos no seu luto.

Eram tôdas viúvas.

Procissão da Cinza

A-pesar-do dia de quarta-feira se apresentar encoberto, veio muita gente a Aveiro para presencear o desfile da primeira procissão do ano, que, como de costume, saíu às 14 horas da igreja de S. Francisco com todos os andores e na qual se encorporou a Ordem Terceira, que é a que possue maior número de irmãos.

Entre alas compactas de povo, percorreu algumas ruas e largos da cidade, mas quando, imponente—mais do que isso—magestosa, desfilava pela Avenida Dr. Lourenço Peixinho, principiou a chover, determinando esas circunstância, desde logo, o completo esfacelamento do préstito e a debandada dos muitos milhares de pessoas que assistiam à sua passagem.

Foi pena.

O "Canto do Cisne,,

—o—

O *canto do cisne* da selvajaria vermelha na Catalunha deve ter sido o seu brilhante feito em Lleus, pequena vila situada próximo da fronteira, na região de Puigcerda.

Nessa povoação havia um depósito de munições. Ao retirarem, os milicianos resolveram fazê-lo ir pelos ares. E assim foi: foi pelos ares o paiol e tôda a povoação. E, como *se esquecerам* de avisar, prèviamente, os habitantes da vila, toda esta pobre gente pereceu entre os escombros da saa terra.

Esta *façanha* foi, assim, o digno remate de tôda a série de crimes e atrocidades cometidos pelo comunismo na terra Catalã.

Livros

«TERRA SEM MULHERES»

por Barros Ferreira

Acaba de sair mais um volume (o número 23) da *Série Vermelha — Terra sem mulheres* — preenchido com algumas sugestivas novelas de Barros Ferreira, o festejado autor do romance português *Maria dos Tojos*.

De um modo geral, é uma obra profundamente dramática, onde o escritor de novo afirma as suas belas qualidades de artista.

Barros Ferreira prefere, para tema das suas novelas, os assuntos fortemente dramáticos, onde avultam os personagens de índole violenta ou contraditória. A primeira novela—aquela que dá o título ao volume—é passada em pleno Amazonas, em *terra sem mulheres*, de onde resulta um drama pungente e arripiante.

O estilo é másculo e forte, revelando nitidamente o prosador; há, em todas as outras novelas, colorido e vivacidade, motivo pelo qual deve o livro agradar ao público amador de *sensações fortes*. E' a êste que, especialmente, se recomenda a leitura da mencionada obra do novel, mas já laureado, romancista português. Sim; êste livro não é para crianças, nem para donzelas. E' para adultos.

A edição, com uma capa adequada e colorida de Maria de Vasconcelos, pertence à *Editôra Educação Nacional*, do Pôrto, cuja oferta muito lhe agradecemos.

Ver a 4.ª página

Os últimos bailes

—o—

Tiveram grande concorrencia os que se realizaram no sábado e segunda-feira no Teatro, e promovidos, respectivamente, pela Companhia Voluntaria S. P. Guilherme G. Fernandes e *Club dos Galitos*.

Neste ultimo estiveram muitas famílias de fóra, tocaram dois *jazzs* e as ornamentações deram nas vistas, pelo que são dignos de louvores os irmãos B lmiro e Sebastião Amaral, que delas se encarregaram, mostrando as suas aptidões.

Dos bailes públicos o único que esteve animado foi o último, de terça-feira. O de domingo gordo, pouco concorrido.

* * *

Na séde do *Club Mário Duarte*, à Avenida Dr. Lourenço Peixinho, teve tambem logar, no último sábado, uma elegante *soirée* a que assistiram famílias da nossa primeira sociedade, apresentando-se muitas senhoras com lindos vestidos de fantasia e trajos regionais.

* * *

A *matinée* que se realisou no dia 17, no Teatro Ginasio do Liceu, promovida pela Mocidade Portuguesa, decorreu num ambiente de alegria, dansando-se animadamente até depois do anoitecer.

A todas as agremiações, que nos distinguiram com os seus convites, os nossos agradecimentos.

O Carnaval

=o=

Lá vai. Já passou. Sumiu-se. E se deixou saudades não foi a nós, que o achamos cada vez mais insípido e sensaborão.

Em Aveiro caracterisou a quadra apenas os bailes das associações e os públicos, no Teatro. De resto, no domingo e terça-feira, muita gente no centro da cidade, como é costume, e uns mascarados sem pilheria nenhuma, foi tudo.

A mesma pasmaceira de sempre, isto é, que se vem notando desde que o Carnaval começou a civilizar-se e umas tantas liberdades acabaram em nome da ordem, da decencia e dos bons costumes...

Pois então, sr. Mômo, passe V. Ex.ª muito bem!

Obras públicas

—:—

Pelo Govêrno foi últimamente destinada a construções e reparações de estradas e pontes uma verba de 71.750 contos da qual pertencem 2.000 à ponte de Angeja, sôbre o Vouga, que há muito se acha em mísero estado.

Há coisas que nem por virem tarde deixam de chegar a tempo.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Carolina Patoilo Cruz, professora oficial e D. Isolina das Neves Vidal, esposas, respectivamente, dos nossos amigos, António Simões Cruz e dr. António Lúcio Vidal, notário em Vagos e os srs. tenente-chefe da Banda de Infantaria 19, João Pereira dos Santos e Mannel Gomes Gautier, industrial de panificação em Setubal; ámanhã, as meninas Maria Celina da Cunha Miranda, dilecta filha do sr. dr. Hernani de Miranda, advogado em Albergaria-a-Velha, e Isaura de Pinho Gilvaz, irmã da sr.ª D. Rosa de Pinho Gilvaz, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); a sr.ª D. Lucia de Melo Brito, esposa do sr. Antóuio de Brito, farmaceutico em Valadares, e o nosso velho amigo José de Sousa Lopes, residente em Lisboa; no dia 27, os srs. Florentino Nunes da Maia, Agostinho dos Santos Jorge, professor na Oliveirinha, e Oscar Vieira da Costa, ausente em Luanda (Africa Ocidental) e o menino Ricardo Maia dos Reis, filho do industrial sr. José dos Reis; em 28, a galante Maria de Lourdes, filhinha do nosso amigo dr. Vitorino Simões Cardoso, tenente-médico de Infantaria 19, e o sr. Eduardo Coelho da Silva; em 1 de Março, o sr. Domingos Simões Génio; em 2, o sr. Humberto Trindade, da firma Trindade, Filhos, *e o menino Fernando, filho do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (Angola) e em 3, o sr. José Robalo Lisboa Júnior e o estudante Henrique Ramos Guimarães, filho do sr. Manuel José da Costa Guimarães.*

Casamentos

Na catedral de S. Domingos realizou-se no último sabado o consorcio da menina Rosária Caldeira Braz, interessante filha do sr. António Braz, empregado na Junta Autonoma da Ria e Barra, com o sr. Antonio Coelho Huet e Silva, filho do industrial, sr. Eduardo Coelho da Silva.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Joana de Albuquerque Branco de Melo Patena e seu marido o sr. dr. Custódio Patena, gerente da filial do Banco Ultramarino, e pelo noivo sua mãe e o sr. dr. Adérito Madeira, médico local.

Assistiram numerosos convidados aos quais foi servido, em casa dos pais da noiva, após a cerimonia religiosa, um almoço que decorreu animadissimo.

Aos nubentes, que foram passar a lua de mel *a Viana do Castelo, desejamos muitas felicidades.*

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. drs. Jaime de Melo Freitas e Carlos Vilas Bôas do Vale, juízes de Direito, respectivamente em Coimbra e Montalegre; alferes Evangelista de Oliveira Barreto, residente em Mafra; Joaquim Huet e Silva, aspirante de Finanças em Ponte do Lima; padre Diamantino, Artur e dr. Manuel Vieira de Carvalho, de Mira, e Evaristo Faure, farmaceutico em Nelas.

Doentes

Recolheu à cama, bastante doente, a sr.ª D. Angélica Moreira Trindade, esposa do sr. João José Trindade, importante industrial.

—Igualmente se acha com os seus sofrimentos agravados, o sr. José de Sousa, que, vivendo nesta cidade há muitos anos, grangeou, pelas suas maneiras delicadas e espirito jovial, arreigadas simpatias entre os amigos que possue.

Desejamos o completo restabelecimento dos doentes.

IMPRENSA

«OCIDENTE»

Recebemos o n.º 10 que se apresenta com o seguinte sumário:

António Vicente Ferreira — *Ideas modernas da Colonização Africana*; Pedro Homem de Melo—*Peixe Vermelho, Caminho estreito, Segrêdo* (Versos); Tomaz Kim—*3 Poemas para Honorina* (Versos); António Correia de Almeida e Oliveira—*Uma comédia inédita de D. Francisco Manuel de Melo—De hurlas hace amor veras*—com 1 gravura; Coronel Leite de Magalhãis—*Sôbre uma frase de Bulcharine...*; Eduardo de Carvalho—*Notas da Grécia—Evergetas;* Carlos Parreira—*O Carnaval de sempre*; Alexandre Sarmento—*Coisas e Almas do Sertão*—Dos cadernos dum médico colonial; Armando Leça — *Músico Caminheiro* — II; Manuel de Campos Pereira—*Gêmeas* (Romance)—Continuação; Cecília Meireles—*Olhinhos de Gato* (Romance)—Continuação; Leo Negrelli—*Premesse del fascismo nella Storia d'Italia;* Concurso da aldeia mais portuguesa—*Relatório do Júri Provincial da Beira Baixa*—IV—Acêrca das Canções populares de Monsanto e Paúl—Continuação — por *António Avelino Joyce.*

Crónicas—Rodrigues Cavalheiro *Sob a Invocação de Clio:* Diogo de Macedo—*Notas de arte;* Luiz Chaves—*Nos dominios da Etnografia e do Folclore.*

Pelo mundo—Actividades portuguesas no estrangeiro—*Instituto de Cultura Portuguesa em Bruxelas:* Itália — *A Exposição Universal de Roma em 1942*; Brasil—*«Nossa Terra» — Cidades de Turismo — Outras publicações;* China—*A Agressão japonesa e a Opinião do Mundo—Aviação e progressos Chineses.* — A. P.

Bibliografia—Notas críticas de *R. C., A. do E. S., Eugénio Navarro, Q. C. e M. L.; Livros e revistas recebidos.*

Notas e comentários.

Fins de página—De Camões e Oliveira Salazar.

Vinhetas—De D. M. e Correa Dias.

Ilustrações—D. João II—Escultura de *Canto da Maia;* Músico Caminheiro: 5 aspectos de Beja e Pero Guarda; Os Brinquedos da Paisagem portuguesa—Retábulo em barro policromado para o Pavilhão de Portugal na Exposição de Nova York—por *Paulo*; Para o Pavilhão de Portugal na Exposição de Nova York—A grande Vitrina da fachada do Pavilhão e uma Evocação pitoresca de Lisboa; Exposição Universal de Roma — Palazzo della Civiltá; Carranca de pedra, de *Soares dos Reis*, numa fonte pública de V. N. de Gaia, segundo desenho do *Dr. Alberto Sousa* (Porto).

Condessa Crespi (S. Paulo—Brasil); Dr. Guilherme Guinle (Rio de Janeiro); Almirante Canto e Castro; Dr. Francisco Jauregui (Buenos Aires)—Retratos de *Henrique Medina* — (Reprodução e impressão *ofsst* da Litografia Nacional—Pôrto).

Correspondencias

Eixo, 22

Temos continuado a receber aplausos pelos reparos que aqui fizemos sôbre a administração que dois dos dirigentes da *Assistência* vêm fazendo dos fundos da mesma na parte respeitante à beneficência dos pobres.

E' que teimar na atitude deshumana de não fornecerem aos doentes necessitados senão medicamentos, falseando o disposto no n.º 1 do art. 6.º dos Estatutos que manda fazer a assistência também por meio de esmolas, não se tolera.

Ainda há pouco se deu um caso idêntico aos já narrados neste jornal, em que a uma rapariga de 16 anos só fôram fornecidas drogas da farmácia do presidente, tendo a mãi de andar a pedir pelas portas se a quiz alimentar porque da Assistência não vinha mais nada! E a benemérita instituição é que perde com isto por lhe estarem a fugir a eito as simpatias que usufruia, desviando-se os donativos para outros lados.

E' triste, mas que lhe havemos de fazer?

C.

Costa do Valado, 17

Pela recente reorganização dos serviços do correio, foram promovidos a 1.os operadores, o nosso amigo Júlio Ferreira Dias, em serviço na estação de Ovar, e a sr.ª D. Arminda da Fonseca Santos, chefe da estação telégrafo-postal desta localidade, a qual se encontra em tratamento no Hospital de Águeda.

Deram também ingresso no quadro dos 2.os operadores as manipuladoras auxiliares D. Ernestina Ferreira Maia, em serviço na estação de Estarreja, e D. Assunção Andias, chefe interina da nossa estação.

O distribuidor rural, José Maria Rodrigues, que há muitos anos fazia o giro da Oliveirinha, foi também promovido a carteiro urbano de 2.ª classe, pelo que será transferido para uma séde de concelho.

C.

O tempo

=x=

Fevereiro está agora, quási no fim, a manifestar os seus rigores. Esta semana ribombou o trovão, fuzilaram os relâmpagos, caíu chuva e saraiva e o vento soprou desabridamente. Como se verifica, não faltou nada a caracterisar a quadra invernosa que se atravessa. Cumpre, assim, a sua obrigação.

Este número foi visado pela Censura

Câmara Municipal de Aveiro

Arrematação

Faço publico que no dia 9 de Março próximo, pelas 15 h. e 15 minutos, perante a Câmara Municipal de Aveiro, terá lugar a licitação verbal para a venda do lóte de terreno n.º 48 da planta, sobrante das expropriações realisadas para a abertura da Avenida Central, com frente para a primeira transversal daquela Avenida, com as dimensões seguintes: lados Norte e Sul 31,40m, Nascente 12,00m e Poente 27,50m.

Ao preço global de 12.000$00

A planta e condições da arrematação estão patentes aos interessados, todos os dias uteis, na Secretaria da Camara Municipal, das 11 ás 17 horas.

Aveiro, 22 de Fevereiro de 1939

O Presidente da Camara

Lourenço Simões Peixinho

Sindicato N. O. da I. Cerâmica e O. C. do Distrito de Aveiro

Assembleia Geral Ordinária

Convocatória

A fim-de serem apresentados e discutidos o Relatório, Balanço e Contas da Gerência de 1938, e fazer-se a eleição dos Corpos Gerentes para o ano que decorre, são convidados todos os sócios, no pleno gôzo dos seus direitos, a reünir na séde, Avenida Central, Aveiro, pelas 10 horas do próximo dia 23 do corrente.

No caso de não comparecer a maioria dos socios neste dia, *reünirá, sem falta, no domingo, 26 dêste mês.*

Aveiro, 21 de Fevereiro de 1939.

O presidente da Comissão Administrativa,

a) **Angelo Chuva**

Banco Regional de Aveiro

Assembleia Geral

E' convocada a Assembleia Geral dos accionistas do Banco Regional de Aveiro, para o próximo dia 11 de Março, pelas 15 horas, na séde do Banco, à rua Coimbra, da cidade de Aveiro, a-fim-de discutir, modificar ou aprovar, não só o relatório e contas da Direcção, mas também, o parecer do Concelho Fiscal, referente à gerencia de 1938 e tratar de quaisquer outros assuntos de interêsse colectivo.

Não comparecendo número legal fica desde já convocada a sua Assembleia, para o dia 27 de Março à mesma hora e no citado local.

Aveiro, 20 de Fevereiro, de 1938.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) *José Vieira Gamelas*

Entre amigas

—Noto que tens muito melhor cabelo!

—E sabes a quem devo êste milagre? Ao Tónico Rejuvenescedor do cabelo.

—Sim!? E quem é o autor ou autora dessa preciosidade?

—E' *Madame Gaby*. E como sabes todos os produtos desta marca são uma maravilha.

O TEMPO

Previsões de 25 de Fevereiro a 6 de Março

Meteorologia

Oscilação barométrica geral — Depois de subir, fortemente, de 27 para 28, inicia em 3 a descida.

Datas de novos ciclones — De 27 para 28 e em 3.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—De 27 para 28 e em 3.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo, durante êste período, se apresente, por vezes, de chuva e ventoso.

Tempo no estranjeiro — Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos; em Inglaterra.

Oscilação provável de temperatura na Peninsula—Tendência para subir a partir de 28.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: De 26 para 27 e em 2.

Setúbal, 22 de Fevereiro de 1939.

A. CARVALHO SERRA

O *Democrata* vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro		Linha do Vale do Vouga	
Partidas para o norte	Partidas para o sul	Partidas	Chegadas
5,41 tram.	7,56 tram. *Fig.*	7,57	10,15
5,27 correio	9,40 rápido		
7,15 tram.	10,59 correio	13,45	18,21
10,22 »	13,40 tram. *Fig.*		
12,56 rápido	16,19 tram.	18,38	22,54
13,43 tram.	19,29 rápido		
16,58 »	21,51 tram.		
18,30 correio	0,31 correio		
21,09 tram.			
22,27 rápido			

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

A FECHAR

Entre namorados:

— Diz-me, minha querida Julieta, sou o teu primeiro amor?

— Pois ainda o duvidas?... Juro-te que sim. Mas porque será que todos me fazem a mesma pregunta?

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

1.ª publicação

No dia 5 do próximo mês de Março, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução hipotecária que Ernesto Rodrigues Marques e outros, herdeiros de Abel Rodrigues Marques, que foi casado, pedreiro, residente no Brasil, movem contra João André Ferreira e mulher Maria de Jesus Ferreira, proprietários, residentes no Rio de Janeiro, Brasil, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer ac ma da sua avaliação, do seguinte:

Um prédio de terra lavradia, sito no lugar da Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca, que mede, pouco mais ou menos, 3 alqueires de 600 metros quadrados, avaliado em 5.000$00.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 15 de Fevereiro de 1939.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

António Ferreira

O Chefe da 1.ª Secção

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 5 de Março próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e no inventario orfanologico a que se procede por obito de Manuel Francisco Rezende, que foi casado, agricultor, do Albergue da Palhaça e em que serve de cabeça de casal Maria da Piedade Simões Ferreira, do referido lugar do Albergue da Palhaça, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, afim de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, do seguinte:

Uma leira de terra lavradia, sita no Rebolo, limite do Albergue, freguesia da Palhaça, avaliada em 130$00.

Tôda a sisa e despesas da praça são a cargo do arrematante.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 4 de Fevereiro de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Ferreira

O Chefe da 1.ª Secção

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 26 do corrente mês de Fevereiro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução por custas e sêlos em que são exequente o Ministério Público e executado José Rodrigues da Paula, divorciado, lavrador, de Cacia, vai à praça pela segunda vez a fim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, o seguinte:

O direito e acção que o executado tem à meação do casal, ainda indiviso, dêle e de sua ex-mulher Luisa Marques da Cruz, casal êsse que se compõe dos seguintes prédios:

Umas casas térreas, sitas em Cacia, e uma terra lavradia, sita na Viela do Ribeiro, também de Cacia. Este direito que corresponde a metade do casal, vai à praça pela quantia de 1.050$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 13 de Fevereiro de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara,

A. Fontes

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara

João António de Morais Sarmento